

# A LEITURA E SUAS DIVERSAS FACETAS

Sandra Maria de Oliveira<sup>1</sup>

Creio que uma forma de felicidade é a leitura. (Jorge Luis Borges)

**RESUMO:** Considerando que a leitura é essencial para o aprendizado do aluno, e, conseqüentemente, tem implicações na sua formação acadêmica e no seu desempenho como futuro profissional, este trabalho destaca a importância do professor conhecer a fundamentação teórica sobre o ensino da leitura para embasar sua ação pedagógica, pois, além de ter os conhecimentos específicos de uma determinada disciplina, é preciso também ter conhecimentos sobre o ensino da leitura. Assim, identificar as habilidades e estratégias envolvidas na leitura é decisivo para se realizar um bom trabalho em sala de aula, já que essa é uma ação que poderá contribuir para corresponder às necessidades emergentes do ensino atualmente, isto é, conduzir o aluno à produção de conhecimentos novos, sem perder de vista o conhecimento já elaborado. Desse modo, o ato de ler e o de aprender são duas realidades muito próximas, portanto indissociáveis, interferindo-se mutuamente. Logo, dominar a leitura e ser um leitor proficiente conduz o aluno a uma atitude ativa, dinâmica e crítica em relação ao conhecimento.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Aprendizagem. Ensino Superior.

**ABSTRACT:** Whereas reading is essential to student learning, and thus has implications for his academic performance and his future as professional, this work highlights the importance of the teacher to know the theoretical framework of teaching reading to support his pedagogical action, as well as having specific knowledge of a particular discipline, it is also necessary to have knowledge about teaching of reading. So, identifying the skills and strategies involved in reading is crucial to do a good job in the classroom, since this is an action that can help to meet the emerging needs of education, that is, leading students to produce new knowledge, without losing sight of the knowledge already developed. Thus, the act of reading and learning is very close, so inseparable, interfering with each other. Therefore, mastering reading and being a proficient reader leads the student to have an active, dynamic and critical attitude in relation to knowledge.

**KEYWORDS:** Reading. Learning. Higher Education.

## 1 INTRODUÇÃO

O propósito deste estudo é trazer à discussão a leitura no Ensino Superior. Convém ressaltar que este assunto não se esgota, mesmo que já existam vários trabalhos relacionados a ele. A leitura em todos os níveis da educação sempre aparenta ser algo sem solução; entretanto, é importante sempre manter o olhar crítico sobre essa questão.

Assim, o acadêmico, ao deparar-se com o verbo transitivo direto – ler – quem lê, lê algo –, logo vem à mente muitos livros, estantes, bibliotecas,

---

<sup>1</sup> Professora Doutora em Filosofia da Linguagem pela PUCRS. Professora de Língua Portuguesa Instrumental e Sociologia das Organizações na Faculdade da Serra Gaúcha.

textos chatíssimos. E, é claro, não podia deixar de ser, o professor torturando com listas de livros, que serão *obrigados* a ler durante o semestre ou ano letivo. Cabe ao professor, desse modo, incentivar à leitura, à busca pela informação, que por meio do pensamento crítico tornar-se-á conhecimento. Diante disso, ao encarar essa tarefa com prazer e critério, o acadêmico pode encontrar na leitura uma fonte inesgotável de conhecimento. O desafio torna-os leitores exigentes, buscando no texto novas realidades, recriando-as. Em vista disso, o texto aproxima o leitor de um mundo feito de imagens e relações. Assim, quanto mais se lê, mais se tem autonomia de pensamentos e ações.

Nesse sentido, para ler de maneira eficiente, é preciso conhecer estratégias de leitura, que transformam o manuseio do texto em uma atividade agradável. Explorar o título, as imagens, as palavras conhecidas, levantar hipóteses sobre o texto, buscar em no conhecimento prévio relações com o que se vai ler. Essas são apenas algumas estratégias que podem ser usadas quando se lê.

O texto não é um inimigo a ser vencido, mas uma amizade nova a ser revelada, descoberta. Ao perceber suas nuances, aprende-se a observar seu ritmo e harmonia. Um bom texto é como música, basta parar e *escutar*. Então, ler não é apenas obrigação, pode vir a ser uma paixão se houver envolvimento no processo de leitura. Quem lê torna-se cúmplice do autor a partir de releituras feitas de um mesmo texto em diferentes épocas. “Ler e escrever faz parte de ser gente”, como afirma Luft.<sup>2</sup>

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os limites da minha linguagem significam os limites do meu mundo. (WITTGENSTEIN).

### 2.1 Conceituando o ato de ler

Para Freire (1983), a leitura do mundo precede a leitura da palavra contribui para alterar (aprofundar ou transformar) o conhecimento

---

<sup>2</sup> Luft, Lya. Brasileiro não gosta de ler? Revista Veja, p. 22, 12 de agosto, 2009.

existente. O autor também postula que a linguagem e a realidade são inseparáveis, uma complementa e interage com a outra. Assim, o texto deve ser lido buscando a construção do seu sentido global: a compreensão e a percepção das relações entre texto e contexto.

O sentido do texto é construído na interação sujeito-texto, sendo que, para que ocorra essa produção de sentido, deve-se levar em conta o contexto, na medida em que o leitor considera aspectos que dizem respeito ao conhecimento da língua, do mundo e da situação comunicativa, principalmente. Ao entrar em uma interação, cada leitor traz consigo sua bagagem cognitiva, ou seja, um contexto.

O que é ler? Ler é um processo de interação entre leitor e texto, observa Solé (1998). O processo de leitura envolve um leitor ativo que processa e examina o texto em busca de respostas a um questionamento. Dito de outro modo, sempre se lê para alcançar alguma finalidade. Portanto, é necessário haver objetivos para se iniciar uma leitura.

Ler, em sentido amplo, é constatar em que consiste a experiência humana em sua radicalidade – sua existência cotidiana; as condições de vida; o sensato e o ridículo; as alegrias e as tristezas; as grandezas e as misérias; a realidade e os sonhos; a objetividade e os preconceitos – é uma arte, enfim, e condição para viver em consonância com o real.

Na concepção de Perissé (2001), há uma contínua crise da palavra. Em virtude dessa crise, é necessário, diariamente, buscar melhores níveis de eficácia na leitura, no modo como lidar com as palavras. Para ele, superar essa crise significa tornar-se um leitor criativo, isto é, ser co-autor das impressões, das ideias, das atitudes e convicções provocadas pelo texto.

A fim de desenvolver essa habilidade, é preciso desacelerar, descobrir a lentidão. Abandonar o hábito de reclamar da velocidade desumana do dia a dia; do ritmo estressante na vida urbana; da rapidez frustrante de tudo; da sucessão descontrolada das imagens da TV; da impermanência das modas; da alternância absurda de problema; do rodízio frenético das prioridades; do amontoamento das informações desencontradas, e perceber que toda essa correria não conduz a lugar nenhum, salienta o mesmo autor (2001).

Consequentemente, uma das melhores desculpas para não ler seja a falta de tempo provocada por esse estilo de vida. O tempo é consumido pelas filas bancárias intermináveis; pelo trânsito intransitável; pelo trabalho excessivo; pela busca de um trabalho impossível, e, nas horas de folga, pela ânsia de um lazer tão desgastante quanto o emprego mal remunerado.

## **2.2 Estratégias de leitura**

Dessa maneira, o pior analfabeto é aquele que sabe ler, no entanto, não tem paciência para fazê-lo. Falta-lhe tempo. Ou, por outro lado, falta-lhe a lentidão da leitura atemporal. A leitura disponibiliza um tempo que não se tem. O tempo de escuta interior. A leitura ditada no silêncio de uma tarde sem pressa; sem relógios; sem telefones; sem sustos; sem atropelos.

Portanto, a leitura não pode ser dinâmica; deve ser lenta, mas não sonolenta. É importante ouvir a própria voz numa leitura meditada; ter a liberdade de pensar. Além disso, falar e escrever melhor pressupõem a observação lúcida da realidade; a leitura de bons autores; o diálogo com pessoas inteligentes e o cultivo de opiniões vivas.

Diante disso, a leitura bem feita deflagra um complexo exercício interior de difícil descrição. Ao ler, colocam-se em ação os sentimentos; a vontade; a memória, a imaginação, a inteligência. Ler é pensar, é ver com os olhos incansáveis do espírito. A partir desse processo, a eloquência nasce de um diálogo silencioso com os grandes amantes das ideias. A lucidez nasce de uma convivência intensa com os grandes amantes das ideias. O estilo pessoal nasce da imitação criativa dos grandes amantes e praticantes da literatura.

A leitura não é um ato mecânico, mas uma verdadeira aventura existencial. Compreender um autor, um texto, sem jamais esgotar seu sentido, é superar a mera identificação dos significados. Compreender consiste em ler com profundidade e amplitude.

Assim, o leitor ativo intervém no texto, questiona, processa e atribui significado ao que lê, ouve ou vê. Para que isso aconteça, é importante que seja ativado o conhecimento prévio, a saber, tudo o que o leitor ativo conhece sobre o assunto vem à tona. Isso acontece de maneira inconsciente, a

partir desse momento, as relações são estabelecidas e passa-se a construir significados.

A ativação das estratégias de leitura implica a mobilização de três grandes redes de conhecimento: o linguístico, o enciclopédico e o interacional, segundo Koch e Elias (2006). É essa rede de conhecimento que permitirá ao leitor interagir com textos de gêneros variados de acordo com o contexto e seus objetivos de leitura. Nesse aspecto, as autoras dedicam todo um capítulo à discussão do papel do contexto no processo de leitura e produção de sentidos. A concepção de contexto é um dos pontos centrais da Linguística textual. Inicialmente as pesquisas sobre o texto consideravam o contexto apenas como o entorno verbal do texto, o co-texto. Com a Teoria dos Atos de Fala e a teoria da Atividade Verbal passou-se a levar em conta o contexto sociocognitivo como necessário para que se estabeleça a interlocução entre duas ou mais pessoas. Assim, o contexto englobará não só o co-texto, como também a situação de interação imediata a situação mediata e o contexto cognitivo dos interlocutores, ressaltam as autoras.

O que se infere dessa discussão é que uma mesma expressão linguística pode ter seu significado alterado em função dos fatores contextuais. Resulta, então, que falar de discurso implica considerar fatores externos à língua para se entender o que é dito. No conjunto de conhecimento constitutivos do contexto a noção de intertextualidade é destacada pelas autoras, uma vez que este é um dos grandes temas da Linguística Textual.

A intertextualidade é elemento constituinte e constitutivo do processo de leitura e escrita e se refere às diversas maneiras pelas quais a produção-recepção de um texto depende do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores. O conhecimento intertextual é que permite ao leitor perceber como um texto está sempre se relacionando com outros textos, numa relação que pode ser explícita ou implícita, tanto no que se refere à sua forma quanto ao conteúdo.

### **2.3 Níveis da estrutura do texto e técnicas de leitura**

Após essa breve reflexão, é importante ressaltar outros aspectos relacionados ao processo da leitura. Conforme Perissé (2001), primeiramente, pode-se estabelecer três níveis que compõem a estrutura do texto, a saber:

- a) nível mais superficial: estrutura discursiva;
- b) nível intermediário: estrutura narrativa;
- c) nível profundo: estrutura profunda.

Há, ainda, técnicas para realizar uma leitura competente:

- a) leitura rápida: usa-se para buscar *a ideia principal ou ideias principais*. Utiliza-se essa técnica, principalmente, se não houver tempo para ler um texto profundamente;
- b) leitura intensiva: usada com textos mais complexos, com a finalidade de entendê-los mais detalhadamente. Com a utilização dessa técnica, pode-se buscar:
- c) ideias expressas: quando é formulada uma questão em que caberá ao leitor buscar ideias claramente expressas pelo autor do texto. São tradicionais os seguintes enunciados: O autor afirma / expressa / diz que ...
- d) ideias implícitas: quando são formuladas perguntas para o leitor buscar ideia(s) sugerida(s) pelo autor do texto. Atenção para enunciados do tipo: O autor sugere que / mostra / aponta ...
- e) ideias inferidas: quando o leitor deve tirar sua própria conclusão para chegar à melhor resposta. Nesse caso, a informação, objeto da questão proposta, não está expressa no texto. Atenção para estes enunciados e assemelhados: pode-se concluir que / pode-se inferir que / conclui-se que ...

É fundamental, além disso, fazer previsões sobre o que se vai ler, esse processo 'dispara', ativa o conhecimento prévio acerca do assunto a ser abordado. Ademais, é relevante perceber as pistas, as marcas que há no texto: o título; subtítulo; figuras; fotos; fonte (jornal, livro, revista, internet); nexos, operadores argumentativos, tempo verbal, enfim, tudo o que consta do contexto.

Outro fator relevante, a partir da leitura, é o desenvolvimento e ampliação do vocabulário; assim como o uso constante de bons dicionários para verificar o significado e ortografia das palavras.

## 2.4 Encontrando tempo para ler

Perissé (2001) elenca dez maneiras de encontrar dez minutos para ler um pouco todos os dias, e vencer a síndrome do bloqueio, também conhecida como *preguiça*:

1. Acorde dez minutos mais cedo do que o habitual, tome um banho e quebre o jejum lendo um pouco.
2. Vá dormir dez minutos mais tarde do que o habitual e, nesses dez longos minutos, invista em seus sonhos: leia um pouco.
3. Saia de casa dez minutos mais cedo. No caminho do trabalho, pare numa livraria durante dez minutos, escolha (não precisa comprar) qualquer livro, e leia um pouco.
4. Se você está no trabalho, reserve dez minutos do tempo do almoço e, como sobremesa, leia um pouco.
5. Procure usar metrô, ônibus, trem ou avião. Já que não é você quem estará dirigindo, terá dez minutinhos para ler um pouco.
6. Se tem de ir ao banco, aproveite a fila, se tem de ir ao dentista aproveite a sala de espera, se tem de aguardar alguém que não é lá muito pontual, relaxe e utilize dez minutos (ou mais) para ler um pouco.
7. Se você está em casa, antes de começar a arrumá-la, antes de consertar a fechadura do portão, antes de cozinhar, antes de fazer qualquer coisa muito urgente, sente-se – o mundo não vai acabar –, e use dez minutos para ler um pouco.
8. Num fim de semana, num feriado, nas férias, programe-se melhor: entre passeios, churrascos, festas e bate-papos, exercite os olhos lendo um pouco.
9. Se você precisa ir ao banheiro, olha, quem sabe você não terá ali dez minutos de paz para ler um pouco?
10. Você vai ligar a TV? Tudo bem, mas reflita. Por que você não aproveita os comerciais para se distrair com algum livro? Certamente conseguirá muito mais do que dez minutos – para ler um pouco.

Lembre-se: falta de assunto é falta de criatividade verbal. E falta de criatividade é falta de amor. E a falta de amor é a morte de tudo, conclui Perissé (2001).

## **2.5 Processo de verificação de previsões**

Para Solé (1998), a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto para satisfazer um propósito ou finalidade. Lê-se para algo: devanear, preencher um momento de lazer, seguir uma pauta para realizar uma atividade, entre outras coisas. Para compreender o texto leitor utiliza seu conhecimento de mundo e os conhecimentos do texto. Controlar a própria leitura e regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. Por isso, a leitura pode ser considerada um processo constante de elaboração e verificação de previsões que levam a construção de uma interpretação.

## **2.6 Papel do professor**

Segundo Marquesi (1994), o ensino de leitura deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno, a fim de se estabelecer uma interlocução entre texto, aluno e professor. Dessa maneira, pressupõe-se que a leitura possibilite a ampliação do conhecimento. A autora focaliza a necessidade de um trabalho que leve em conta as condições externas ao ato de leitura, como facilitadoras do processo.

Marquesi (1994) também considera a aula de leitura como um espaço que prioriza a interlocução professor/aluno/texto/contexto, espaço que descreve como caracterizador de um quadro de interação social no qual é fundamental a participação do professor, no sentido de definir o papel do leitor que pretende formar.

O professor, segundo a mesma autora, deve criar condições para motivar, facilitar e causar aceitação do texto por parte do aluno, envolvendo o aprendiz na situação de leitura, despertando seu interesse para isso (o que poder ser feito a partir de um diálogo sobre o assunto que será abordado ou um texto do cotidiano do aluno). Marquesi (1994) ressalta, além da importância do



papel de professor no processo de leitura, a importância do desempenho do aluno que, ao ler, torna-se também, um agente no processo de construção do sentido de um texto.

## 2.7 Focalizando o acadêmico-leitor

Conforme Perotti (1998), o estudante universitário lê, mas não faz isso de forma crítica, aprofundada, direcionada para sua atividade profissional e sua vida em geral. A autora também ressalta que a leitura feita nesse nível de ensino é constituída, quase sempre, de material imposto pelos professores, e que a leitura espontânea é rara.

Segundo a referida autora, muitos professores do Ensino Superior afirmam que os alunos egressos do Ensino Médio não sabem ler nem escrever, pressuposto equivocado, que talvez queira dizer que os alunos não são capazes de fazer uma leitura que possibilite questionamentos sobre os conteúdos que lhes são apresentados sobre o mundo, sobre o homem e sobre o homem no mundo.

Por conseguinte, leitor maduro é aquele que usa de forma adequada e no momento apropriado o processamento ascendente *bottom-up* e *top-down*, como uma estratégia metacognitiva, isto é, o leitor tem controle consciente e ativo de seu comportamento. Há dois tipos básicos de processamento de informação: o *top-down* e o *bottom-up*. O *top-down* corresponde a um processamento descendente, da macro para a microestrutura. Já o *bottom-up* é o processamento que faz uma construção do significado a partir da composição das partes por meio de análise e síntese das informações, ou seja, faz um movimento ascendente.

Desse modo, Kato (2007) afirma que os tipos de leitores existentes podem ser descritos pelos processamentos ascendentes e descendentes. A autora diz que um leitor que é fluente e veloz, mas que faz inúmeras adivinhações durante e após a leitura, é um leitor ascendente, apoiando-se basicamente na informação visual.

Já sobre o leitor descendente, Kato (2007) aponta que esse faz uma construção do significado do texto baseando-se em informações nele contidas, procurando inferir pouco. Ao contrário do leitor ascendente, o leitor

descendente faz uma leitura em ritmo lento e sua defasagem está em não saber diferenciar as informações importantes das que ficam em segundo plano. O autor não é reconhecido como o interlocutor no texto, mas somente como parte dos esquemas do leitor.

A referida autora afirma ser maduro o leitor que usa de forma adequada e no momento apropriado os dois processos, de maneira que um complemente o outro. Na perspectiva da autora, esse terceiro tipo de leitor: “É o leitor para quem a escolha desses processos é já uma estratégia metacognitiva, isto é, é o leitor que tem um controle consciente e ativo de seu comportamento”.(Kato, 2007, p. 51)

A compreensão em leitura é uma atividade que envolve a integração do velho com o novo num processo dinâmico de interação e criação, em que o leitor utiliza todo o seu conjunto de conhecimentos prévios e habilidades de raciocínio para, ao interagir com as pistas fornecidas pelo texto, possa construir um sentido global.

Kato (2007) critica o leitor ingênuo, aquele que tenta o tempo todo adivinhar as intenções do autor e se questionar se a leitura eficiente recupera somente as intenções pretendidas pelo escritor. Recorda que há significados textuais que surpreendem os próprios autores por não terem sido pretendidos, mas que são reconhecidos como autorizados pelo texto.

Enfatiza ainda que há o leitor reconstrutor, aquele que acompanha o pensamento do leitor, que entende o texto ao imaginar-se como seu produtor. Esse tipo de leitor busca recapitular as estratégias utilizadas pelo autor e chegar, a partir delas, aos seus objetivos.

Kato acredita que o texto funciona como suporte para a hipotetização dos processos e que, após essa etapa, o compreendedor passa a atuar como planejador-simulador, voltando para o texto apenas para verificar se o resultado de sua simulação coincide com o produto do autor.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que foi apresentado até agora pode dar pistas de como as práticas pedagógicas podem organizar situações de ensino e aprendizagem que tragam em si essas análises. Nessa busca, o leitor interage o tempo todo

com o texto, utilizando seu conhecimento prévio sobre o tema, fazendo inferências, elaborando hipóteses e checando suas previsões. O resultado disso leva a interpretações e compreensões feitas sem a interferência direta de um leitor mais autônomo.

Como esse processo de leitura não é natural, automático ou muito menos simples, ele precisa ser construído pelo aprendiz. É pensando nisso que se faz uma ponte com a realidade da escola, alertando os professores do Ensino Superior para o fato de que os alunos não aprendem isso sozinhos.

Cabe ao educador oferecer aos acadêmicos os segredos que utilizam quando eles próprios leem. Isso deve ser feito na mesma forma como ocorre com outros conteúdos de ensino ou quando mostra como utilizar adequadamente um bloco de notas, ou mesmo um caderno.

O professor funciona como um especialista em leitura explicitando seu processo pessoal à turma, o que leva à compreensão do que está escrito: qual seu objetivo com aquela determinada leitura, que dúvidas surgem, que elementos toma do texto para tentar resolver suas questões. Vendo o que o professor faz para elaborar uma interpretação do texto, os discentes entendem as chamadas estratégias de compreensão leitora e passam a adotá-las.

#### 4 REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1983.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura.** 6. ed., São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KOCH Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

Luft, Lya. **Brasileiro não gosta de ler?** Revista Veja, p. 22, 12 de agosto, 2009.

MARQUESI, S. C. . **Interação Verbal em Sala de Aula: A Leitura.** Revista da ANPOLL, João Pessoa, 1994.

PERISSÉ, Gabriel. **O Leitor Criativo:** a busca da leitura eficaz. 2. ed. São Paulo: Ômega Editora, 2001.

PEROTTI, Carmen Lúcia Esteves. **Reflexões acerca da formação de leitores:** um estudo com universitários. Dissertação de Mestrado PUC/SP – 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura.** 6. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.